

# A DESTRUIÇÃO DA METAFÍSICA, TÉCNICA E SER EM HEIDEGGER

Andrei Pedro Vanin<sup>1</sup>

## Resumo:

O artigo procura estabelecer a relação entre a noção de técnica e a pergunta pela verdade do ser em Heidegger. Assim no primeiro momento analisa-se a noção de destruição da metafísica e a pergunta pelo sentido do ser na obra *Ser e Tempo*, tentando apontar para alguns dos motivos da reviravolta no pensamento de Heidegger, observando a maneira pela qual a pergunta pelo sentido do ser é “abandonada”, perguntando-se agora pela verdade do ser. De posse dessa análise, avança-se para a noção de técnica, tentando evidenciar a maneira pela qual pensar a essência de tal noção revelaria a verdade do ser. O objetivo é elucidar a maneira pela qual Heidegger identifica na época da técnica a maior possibilidade do homem se relacionar com a verdade do ser.

**Palavras-chave:** Heidegger. Destruição. Técnica. Ser. Metafísica.

## Abstract:

The article aims establish the relationship between the technical notion and the question the truth of being Heidegger's. So in the first moment analyzes the notion of metaphysical destruction and the question of the meaning of being in work *Being and Time*, trying to point to some of the motives turnaround in Heidegger's thought, watching the way in which the question of the meaning of being is "abandoned", wondering now the truth of being. Armed with this analysis, it advance notion the technical, trying to highlight the way in which to think the essence of such a notion would reveal the truth of being. The aims is elucidate the way in which Heidegger identifies the time of art \_ the greatest possibility of man to relate the truth of being.

**Keywords:** Heidegger. Destruction. Technical. Being. Metaphysics.

## 1 INTRODUÇÃO

A obra *Ser e Tempo* marca um novo paradigma do século XX. Se antes de Heidegger tinha-se, de modo geral, as filosofias da consciência preocupadas com o sujeito e o objeto, com Heidegger através do conceito de *Dasein*, esta relação não é mais o problema chave da filosofia<sup>2</sup>. Sua pergunta norteadora é a pergunta pelo ser, que o leva a construir em *Ser e Tempo* uma “analítica existencial do ser-aí” (STEIN, 2005, p. 190). Tal interrogação levará Heidegger a se debruçar e conhecer a história da filosofia e seus principais momentos e

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP – Campus Guarulhos. Bolsista Capes. Email: andrei\_vanin@yahoo.com.br

<sup>2</sup> A respeito da superação sujeito-objeto pela filosofia de Heidegger cf. Costa (2013, p. 61-63). Ainda de acordo com Gadamer (2007, p. 109) uns dos objetivos do pensamento de Heidegger, seja em *Ser e Tempo*, seja nos anos que se seguiram a publicação deste, sempre foi “[...] a superação da subjetividade do pensamento moderno”. Stein (2001, p. 308) sustenta que “[...] a análise geral do fato da viravolta no pensamento de Heidegger [revela] uma mudança essencial da perspectiva que leva o pensador à superação do perigo da subjetividade e o insere na dimensão em que se dá a história do ser”.

partindo da fenomenologia, construir sua própria filosofia. Não obstante, após a publicação de *Ser e Tempo* nota-se uma *Kehre* no pensamento de Heidegger. Nessa reviravolta Heidegger se ocupa especialmente, entre outras coisas, da noção de técnica, do estudo de Nietzsche e da crítica a modernidade. Um dos motivos para tal viravolta foi o contato com a obra de Ernest Jünger<sup>3</sup> que expõe a técnica moderna e as raízes da metafísica, especialmente nos escritos *A mobilização total* e *O Trabalhador* (LOPARIC, 1996). Deve-se considerar ainda, as observações de Ferreira (2007, p. 89-90), que não foi somente o contato com a obra de Jünger, e o encontro com a questão da técnica, inexistente em *Ser e Tempo*, que levaram Heidegger a essa reviravolta. Heidegger percebeu as limitações internas de *Ser e Tempo*, fato que o levou a interromper o projeto inicial, e a buscar na relação entre a técnica e o homem uma nova forma de explicar a verdade do ser.

Se em certa medida, *Ser e Tempo*, já não dá mais conta de explicar o sentido do ser em termos de uma ontologia fundamental, faz-se necessário uma nova forma de explicar e pensar a verdade, o desocultamento do ser<sup>4</sup>. Se a questão do sentido do ser desde *Ser e Tempo* foi a questão guia do pensamento de Heidegger, após a *Kehre* tal questão não deixa de pairar no horizonte do pensamento, que na etapa pós anos 30 mostra-se especialmente a partir das noções de técnica e do acontecimento apropriador, *Ereignis*. Não se interroga mais pelas “condições estruturais” que dariam sentido ao *Dasein*, mas sim pela verdade do ser. Logo, embora a história da verdade do ser seja tema central no pensamento de Heidegger, a pergunta é recolocada, após a reviravolta, em outras bases. Nesse sentido, a questão da técnica, na medida em que se mostra como o princípio epocal do século XX, deve ser entendida no horizonte do ocultamento do ser.

---

<sup>3</sup> Loparic (2002, p. 218) expõe que o contato de Heidegger com a obra de Jünger levava-o as seguintes constatações: “[...] 1) que a sua fenomenologia da facticidade (do cotidiano) de 1927 é ainda ingênua, 2) que ela não representa um ponto de partida adequado para formular a questão do ser nos dias de hoje, 3) que a técnica moderna, pensada no horizonte da metafísica nietzschiana da vontade de poder, é o sentido do ser que prevalece, 4) que, portanto, Nietzsche é o pensador decisivo a ser consultado em qualquer tentativa de compreender e ultrapassar esse sentido do ser. Essas conclusões levaram Heidegger a constatar o fracasso do projeto de repensar o sentido de ser em termos da ontologia fundamental, exposta em *Ser e tempo*, e a procurar outros horizontes para essa pergunta, crise que resultou na *Kehre*, isto é, na introdução do conceito de acontecimento do ser (*Seinsgeschichte*), característico da segunda fase do pensamento heideggeriano”. Para uma análise detalhada da influência de Ernest Jünger no pensamento de Heidegger cf. Zimmerman (2001, p. 101-162). Cf para a *Kehre* como um todo Ferreira (2007).

<sup>4</sup> Sobre o fracasso da tarefa de fazer da Filosofia uma ontologia fundamental como analítica existencial cf. Ferreira (2007, p. 58-67) e MacDOWELL (1993, p. 199) que afirma: “Entretanto, a sua [de Heidegger] tentativa de elaborar a questão do ser através da análise ontológica do eis-aí-ser, como compreensão do ser, teve de ser interrompida, justamente porque nenhum caminho conduzia do eis-aí-ser ao ser, a não ser que o ser fosse absorvido no próprio eis-aí-ser, coisa que Heidegger não queria nem podia admitir”. Esse fracasso levou Heidegger a considerar que “[...] O sentido do ser não é condicionado pela compreensão de ser. Pelo contrário, é o ser que determina o destino do pensar humano”.

O presente artigo analisa a noção técnica em Heidegger. Inicia-se assim, apontando o entendimento de destruição da história da metafísica em Heidegger, tomando como base o § 6 de *Ser e Tempo*, no qual Heidegger apresenta a distinção entre *Historie* e *Geschichte*, ressaltando o método de destruição e sua atitude frente a tradição. O segundo momento busca explicitar propriamente a noção de técnica, juntamente com a crítica a modernidade empreendida por Heidegger, na medida em que na era dominada pela técnica e pela ciência a verdade do ser se oculta. Assim o objetivo destes dois primeiros momentos é mostrar como a história entendida como *Geschichte* remete em alguma medida a *Ereignis*, que revelaria um questionar sobre a verdade do ser na era da técnica.

## **2 A DESTRUIÇÃO DA HISTÓRIA DA METAFÍSICA E A QUESTÃO DO SENTIDO DO SER**

A presente seção busca a partir da obra *Ser e Tempo*, mostrar a maneira pela qual a noção de destruição e de *Geschichte* apontam para um caminho de acontecimento apropriador “[...] que confere um sentido próprio a uma era do mundo” (GIACCOIA JUNIOR, 2013, p. 92). De modo geral, se em *Ser e Tempo* Heidegger se ocupa do que permaneceria oculto nos modos originários do *Dasein*, após a *Kehre* ele se ocupará de pensar o ser em seu acontecimento apropriador, cujo ápice do ocultamento do ser encontra-se na era moderna, e que leva-nos a uma nova relação com a época atual, a era da técnica (FERREIRA JUNIOR, 2000, p. 35).

O problema que norteia *Ser e Tempo* é a “[...] pergunta pela sentido do ser [...]” (HEIDEGGER, 2012, p. 39). Heidegger, no começo do parágrafo seis da obra, afirma que não apenas a investigação que se move no âmbito do ser é uma possibilidade ôntica<sup>5</sup> do *Dasein*, mas toda a investigação (idem, p. 81). Sabidamente, o *Dasein* tem seu ser na temporalidade e é isso que dá o caráter de historicidade a este “ente privilegiado”. Ora, se *Dasein* é um ente no tempo e se constitui através da temporalidade, este não pode existir sem a historicidade, já que é esta que lhe garante o modo de ser do *Dasein*: “historicidade significa a constituição-de-ser do ‘gestar-se’ do *Dasein* como tal [...]” (HEIDEGGER, 2012, p. 81). Se a constituição do ser do próprio *Dasein* se dá na historicidade, esta não indica apenas para as experiências passadas deste, mas também aponta para o “acontecer” a partir de seu futuro. O *Dasein*, em cada modo

---

<sup>5</sup> O primado ontológico do ser se refere ao ser (cf § 3 de *ST*), ao passo que o primado ôntico da questão do ser se refere ao âmbito dos entes (cf § 4 *ST*).

de ser, se compreende a partir de sua tradição como história do ser, e é esta compreensão que “[...] abre e regula as possibilidades de seu ser” (idem, p. 81). Voltar-se a tradição faz com que o *Dasein* consiga reconhecer o que a tradição “lega e como ela faz”, permitindo-lhe se reconhecer como um “ente no mundo”.

É nesse sentido que Heidegger introduz uma diferença no conceito de história. Heidegger indicara história no sentido de *Historie* (raiz latina) e no sentido de *Geschichte* (raiz alemã). A *Historie* se refere à história fatural, ou seja, indica a configuração dos acontecimentos, como disciplina, como historiografia. Já *Geschichte* se refere à estruturação dos acontecimentos, enquanto história do esquecimento do ser; neste sentido, o *Dasein* deve “[...] perguntar pelo sentido da própria existencialidade [...]” (ibidem, p. 83). Através desta distinção Heidegger consegue apontar para a necessidade ôntico-ontológica da questão do ser que se dá através da historicidade e da temporalidade. Nas palavras de Heidegger (2012, p. 83):

Dessa maneira, a elaboração da questão-do-ser deve receber do sentido-de-ser mais-próprio do perguntar ele mesmo o encargo da investigar sua própria história, isto é, converter-se em conhecimento-histórico, a fim de alcançar uma apropriação positiva do passado, obtendo a plena posse das possibilidades-de-perguntar mais-próprias.

Heidegger aponta ainda para as dificuldades que a própria tradição lança para a compreensão e a possibilidade de construção do *Dasein*, uma vez que este encontra-se sempre já lançado e decaído no mundo (cf § 38 de *ST*). Assim a tradição, na maioria das vezes, ou numa primeira aproximação, encobre e esconde o que este ente lega. O que se apresenta à primeira vista esconde as fontes originais que são de fato de onde “[...] as categorias e os conceitos transmitidos foram hauridos em parte de modo autêntico”; a tradição também “faz que se entenda dificilmente a necessidade de um tal retorno” (HEIDEGGER, 2012, p. 85). Esta forma de interpretar e ver a historicidade em que o *Dasein* se move acaba por desconsiderar o papel primordial que a tradição tem na própria constituição das estruturas deste. Ele não pode se compreender desgarrado da tradição. Não obstante, entender a tradição somente como fatos históricos desprovidos de significado em nada ajuda a entendê-lo. É neste sentido que Heidegger indica que voltar às origens apenas levando em conta dados históricos, apenas uma historiologia, isto é, a *Historie*, oculta o lado positivo do passado, de fazer uma apropriação deste que possa ser produtiva<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Haar (1990, p. 120) sintetiza: “a des-construção [destruição] não é uma análise, um dismantelamento, uma colocação das peças sem finalidade, um desses conceitos herdados cujo sentido se torna banal, evidente, óbvio, *selbstverständlich*. Mas ela implica um *duplo retorno*, um duplo passo atrás, construtivo e fundador: retorno à

Fato é que Heidegger após a *Kehre* parece não mais se preocupar pelo papel da tradição enquanto constituidora das estruturas do *Dasein*. Antes, a problemática torna-se agora determinar o que rege a verdade do ser enquanto acontecimento apropriador. Em outras palavras, deve-se entender o sentido de determinada época a partir de suas determinações epocais, e pensar em que medida oculta-se a verdade do ser. É claro que em *Ser e Tempo* o objetivo era mostrar que a pergunta pelo ser, foi ocultada pela tradição, uma vez que se deslocou a pergunta pelo ser para a pergunta pelo ente, e assim questionou-se o ente como se fosse o ser<sup>7</sup>. Todavia, Heidegger já indica em *Ser e Tempo* a maneira pela qual ele lidará com a tradição:

Se se deve obter para a questão-do-ser ela mesma a transparência de sua própria história, então é preciso dar fluidez à tradição empedernida e remover os encobrimentos que dela resultaram. Essa tarefa nós a entendemos como a *destruição* do conteúdo transmitido pela ontologia antiga, tarefa a ser levada a cabo pelo *fio-condutor da questão-do-ser* até chegar às experiências originárias em que se conquistaram as primeiras determinações do ser, as determinações diretoras a partir de então (HEIDEGGER, 2012, p. 87).

A pergunta pelo ser deve voltar-se à tradição. Tanto em *Ser e Tempo*, como nas obras posteriores, Heidegger nunca abandonou o diálogo, e em certa medida a relação violentadora com os textos e a tradição filosófica. A tarefa de “chegar às experiências originárias em que foram obtidas as primeiras determinações do ser” mostram-se também nas obras posteriores a *Ser e Tempo*, na medida em que se busca desvelar a clareira do ser, ou encontrar o que se oculta. A destruição volta-se aos textos, mas não tem um sentido puramente negativo, mas antes positivo<sup>8</sup>, como o de superar, adentrando nos textos da tradição que constituem as estações decisivas e fundamentais. Stein (2008, p. 61) aponta que:

A desconstrução [destruição] é realizada desde o interior da metafísica. É por isso que ele falará em superação da metafísica e adentramento da metafísica. Essa superação e adentramento significa, ao mesmo tempo, refazer a construção com que a metafísica trabalhava ao se auto-expor nos textos da história da Filosofia. Ao mesmo tempo, significa perceber que nisso em que ela se auto-expõe, segundo Heidegger equivocadamente, existe, entretanto, o não-

---

tradição, retorno às fontes da tradição, quer dizer, a tais ou a tais modos de experiência do ser que deram nascimento a esta ou a aquela ordem conceptual. Desconstruir significa, de facto, reconstruir, visto que se trata de reencontrar um solo de origem, uma base fenomenal com conceitos usados [...]”.

<sup>7</sup> Não busca-se neste ensaio responder em que medida tal questionamento é esclarecido em *Ser e Tempo*. Ao que parece, tal questão não mostra-se definitiva nesta obra, já que a plena resposta, necessitaria o desenvolvimento da parte final do projeto esboçado por Heidegger, que nunca foi escrita.

<sup>8</sup> O próprio Heidegger no texto *Que é isto – a Filosofia?* (1979, p. 20) afirma: “destruição não significa ruína, mas desmontar, demolir e pôr-de-lado – a saber, as afirmações puramente históricas sobre a história da filosofia. Destruição significa: abrir nosso ouvido, torna-lo livre para aquilo que na tradição do ser do ente nos inspira”.

pensado, o encoberto que pode ser manifestado, no qual temos de nos afundar e nos aprofundar quando queremos fazer a desconstrução da metafísica.

É deste modo que “só no efetuar a destruição da tradição ontológica é que a questão-do-ser conquista sua verdadeira concretização” (HEIDEGGER, 2012, p. 99), e é a partir dela que se pode falar de uma retomada da questão do sentido do ser. Não obstante, constatando que o projeto inicial de *Ser e Tempo* não dá conta de explicar as estruturas do sentido de ser, faz-se necessário recolocar a pergunta em outra base, levando em conta a noção de técnica e a relação desta com o homem, perguntando assim agora, diretamente o que é o ser. De acordo com Stein (2001, p. 105) a destruição “[...] situa-se para além da intenção da analítica existencial. Ela se insere, assim, na história do ser [...]”. Se faz necessário agora, pensar sobre o próprio ser, não mais como ontologia fundamental<sup>9</sup>.

A noção de *Geschichte* se referindo à estruturação dos acontecimentos resguarda assim uma relação com a noção de *Ereignis*, que enquanto acontecimento apropriador confere a uma época da história “[...] uma propriedade essencial e um sentido para o modo como os entes, em sua totalidade existem no mundo” (GIACOIA JUNIOR, 2013, p. 93)<sup>10</sup>. A relação entre a destruição da história da metafísica e a *Ereignis*, enquanto um acontecimento apropriador, é tirada de acordo com Sheehan (1981) da noção aristotélica de movimento, *kíneses*, na qual tal noção teria para Heidegger o sentido de “movimento para a presença”, daí a ideia de um acontecimento apropriador, que permitirá a Heidegger após a *Kehre* pensar a verdade do ser diretamente. Deste modo, a próxima seção busca apresentar a noção de técnica com objetivo de elucidar o entendimento de Heidegger do porquê de o correto questionar a respeito desta, revelaria, em alguma medida, a verdade do ser. O *Gestell*, desta maneira, seria um primeiro impulso para pensar o acontecimento-apropriador, *Ereignis*.

### 3 TÉCNICA E O DESOCULTAR DA VERDADE DO SER

---

<sup>9</sup> Brague (2013, p. 24) expõe que desconstruir a metafísica ou superá-la “[...] não se trata de deixar atrás de si a metafísica para passar para outra coisa. Com efeito, ele vê na metafísica um movimento que carrega a totalidade da história da filosofia. Heidegger procura pois mostrar como a metafísica, ao chegar à sua culminação, assume a figura da técnica e determina o conjunto da humanidade ocidental. ‘Superar’ a metafísica, ou antes, ‘recuperar-se dela’, como nos recuperamos de uma doença (*Verwindung*), consistiria em voltar ao fundamento esquecido desta, o Ser. Tratar-se-ia de apreender, desde o início, a relação que o Ser mantém com a essência do homem”.

<sup>10</sup> Ainda sobre a relação entre *Geschichte* e *Ereignis* e seus correlatos cf. Inwood (1999, p. 55-56).

A técnica em Heidegger, ao mesmo tempo em que se mostra como um princípio epocal<sup>11</sup> do século XX, se mostra também como um questionamento, que constitui um pensamento, um caminho, e este passa pela linguagem (HEIDEGGER, 2007, p. 375). No texto *A questão da técnica* Heidegger está interessado sobretudo em procurar a essência da técnica. Para isso, ele se distancia das concepções tradicionais a respeito da técnica que afirmam que está “é um meio para fins” e que “é um fazer do homem” (HEIDEGGER, 2007, p. 376), já que tais concepções teriam uma visão exclusivamente humanista da técnica (SILVA, 2007, p. 369). Pensar a técnica através de um viés humanista não permitiria pensar a técnica como um destino do ser, já que:

A técnica é, em sua essência, um destino ontológico-histórico da verdade do ser, que reside no esquecimento. A técnica não remonta, na verdade, apenas com seu nome, até a *tékne* dos gregos, mas ela se origina ontológico-históricamente da *tékne* como um modo do *aletheúein* isto é, do tornar manifesto o ente. Enquanto uma forma da verdade, a técnica se funda na história da Metafísica. Esta é uma fase privilegiada da história do ser e a única da qual, até agora, podemos ter uma visão de conjunto (HEIDEGGER, 1979, p. 163).

É então na noção de desocultamento da verdade do ser que Heidegger identificará o princípio para explicar a técnica. Casanova (2012, p. 204) afirma “que o que interessa a fundo a Heidegger não depende absolutamente da técnica mesma em sua realidade objetiva, mas muito mais da técnica como modo possível da abertura do ser”. De fato, ao acompanhar as primeiras páginas d’*a questão da técnica*, Heidegger analisa a noção de causa grega para tentar trazer à tona o verdadeiro significado enquanto um deixar algo surgir<sup>12</sup>. As quatro causas atuam “[...] no seio do produzir. Por meio dele surge, cada vez, em seu aparecer, tanto o que cresce na natureza quanto o que é feito pelo artesão e pela arte” (HEIDEGGER, 2007, p. 379). É com posse dessa análise que Heidegger pode afirmar então que “o produzir leva do ocultamento para o descobrimento. O trazer à frente somente se dá na medida em que algo oculto chega ao desocultamento” (idem, p. 380). Esse desabrigar, trazer a frente, mostra-se a

---

<sup>11</sup> Como observa Stein (2008, p. 74), “quando se fala em princípio epocal se quer dizer, [...] que cada época da história da metafísica é caracterizada por um princípio objetificado que marca todos os fenômenos da época”.

<sup>12</sup> Sabidamente as quatro causas foram apresentadas por Aristóteles na obra *Física* II, 3, 194b16–195b2 e na obra *Metafísica* V, 2, 1012a25–1014a25. Heidegger interpreta as quatro causas em termo de comprometimento, como bem expõe Silva (2007, p. 369-370): “As quatro causas devem ser vistas como comprometimento com a produção da coisa. Assim, quando digo que a causa material corresponde à matéria de que algo é feito, o que se quer dizer na verdade é que há uma espécie de compromisso entre uma certa matéria e a produção do objeto; quando falo em causa final, quero dizer que há uma espécie de compromisso entre a produção da coisa e a finalidade a que deverá servir. Com isso supera-se a idéia de que se trata apenas de fazer algo, a partir de alguma coisa, para um certo fim. Na articulação das quatro causas, algo se mostra na sua matéria, na sua produção e na sua finalidade. Algo se desabriga desvelando-se no seu modo de ser. E aquilo que tínhamos a entender como operação revela-se um deixar acontecer, o ocasionamento ou o que vem a aparecer”.

partir da palavra ἀλήθεια<sup>13</sup>, fato que, segundo Heidegger, deve ser tomado com atenção para pensar a essência da técnica. Deve-se atentar, além da *poiesis*, ainda, para a ligação entre *techné* e *episteme* que no sentido grego remetem a *alethéia*. Isto é, a técnica, entendido no modo grego, segundo Heidegger, é um modo de desabrigar, desocultar. Os diversos modos de desocultamento do ser, fazem com que a essência da técnica tenha algo de ambíguo, já que por vezes o que se mostra também por vezes é o que se oculta. Esta ambiguidade, afirma Heidegger, “[...] aponta para o mistério de todo desabrigamento, isto é, da verdade” (HEIDEGGER, 2007, p. 394). De acordo com Brüseke (2004, p. 4)

definir a técnica como uma maneira de desocultamento, significa entender a essência da técnica como a verdade do relacionamento do homem com o mundo. A técnica não é mais algo exterior e exclusivamente instrumental, mas a maneira como o homem apropria-se e aproxima-se a natureza. Esta maneira não é algo fixo, no entanto possui temporalidade e assim história. Na história das diversas populações, culturalmente distintas, encontramos diferentes modi de desocultamento. Estes por sua vez são na sua diversidade somente possíveis, porque o Ser permite diferentes maneiras de desocultamento, em um certo sentido podemos dizer que o Ser mostra-se, sempre de um ângulo diferente, no processo do seu desocultamento.

Com efeito, para a técnica moderna o desabrigar é “[...] um desafiar que estabelece, para a natureza, a exigência de fornecer energia suscetível de ser extraída e armazenada enquanto tal” (HEIDEGGER, 2007, p. 381). O modo de cultivar a terra agora é baseado na indústria de alimentação motorizada, ao passo que a relação do camponês com a terra antigamente era uma relação de cuidar e guardar. As águas do rio Reno não são mais simples águas que compõem o rio, mas sim águas que extraem energia do rio Reno. As coisas não são mais meros objetos postos pelo ser humano, antes, as coisas só são enquanto fundo de reserva<sup>14</sup> na técnica moderna. Contudo, o que permanece, enquanto continuidade, entre a técnica no modo grego e a técnica moderna é o desocultamento<sup>15</sup>:

o desabrigar que domina a técnica moderna tem o caráter do pôr no sentido do desafio. Este acontece pelo fato de a energia oculta da natureza ser explorada, do explorado ser transformado, do transformado ser armazenado, do armazenado ser novamente distribuído e do distribuído renovadamente ser comutado. Explorar,

---

<sup>13</sup> Para mais detalhes cf. Duarte (1993, p. 126-129). Para uma análise da relação de Heidegger com o termo *alethéia* cf. além do § 44 de *ST*, o estudo de Stein (2006), Stein (2001, p. 53-120), e o texto de Heidegger *Sobre a essência da verdade* (1979, p. 131-145).

<sup>14</sup> *Bestand* é o termo alemão. Werle (2007) na tradução que estamos nos valendo traduz por subsistência.

<sup>15</sup> Dubois (2004, p. 138) esclarece: “[...] a técnica moderna ainda é uma modalidade, histórica e destinal, do desvelamento, que o fazer técnico moderno depende de um aparecer específico do ente (e de um destino do ser) que o torne possível e no qual obtenha seu direcionamento e seu saber próprio”.

transformar, armazenar e distribuir são modos de desabrigar (HEIDEGGER, 2007, p. 382).

A energia que estava oculta na natureza passa agora pelo domínio “técnico” do homem à ser explorada. O que existe na natureza, só existe em função de fundo de reserva, daquilo pelo qual o homem pode dominar. Heidegger no artigo *A época da imagem de mundo* constata que a relação homem-natureza enquanto algo técnico foi determinada já na modernidade quando a natureza começou a ser entendida como “[...] a coesão de movimento, encerrada em si, de pontos de massa referidos espaço-temporalmente” (HEIDEGGER, 2005, p. 195). Quando o homem passa a ser entendido como *subiectum* e o ente na totalidade se torna imagem de mundo tais determinações só podem surgir da história do próprio ser (HEIDEGGER, 2007a, 16). Só que, constata Heidegger, o homem está tão enredado com o mundo técnico que não se dá conta onde reside exatamente a essência da técnica, e por sua vez, um correto relacionar-se com ela, revelaria uma abertura para se manifestar a verdade do ser.

É justamente o desabrigar da técnica moderna enquanto desafio que deve ser remetido ao *Ge-stell*<sup>16</sup>: “a essência da técnica repousa na armação. Seu imperar pertence ao destino” (HEIDEGGER, 2007, p. 389). Heidegger irá mostrar que a essência técnica mostra-se instaurada no sistema de cálculo (explorar, transformar, distribuir). O *Gestell* é então a reunião de todos os *Stellen*, em outras palavras, são os vários modos de pôr a mão, tornar disponível para a técnica. Isso representaria o desafio do desocultar da realidade.

Armação significa a reunião daquele pôr que o homem põe, isto é, desafia para desocultar a realidade no modo do requerer enquanto subsistência [fundo de reserva]. Armação significa o modo de desabrigar que impera na essência da técnica moderna e não é propriamente nada de técnico. Ao que é técnico pertence, em contrapartida, tudo o que conhecemos como sendo estruturas, camadas e suportes, e que são peças do que se denomina como sendo uma montagem. Esta, contudo, com todo o seu conjunto de peças, recai no âmbito do trabalho técnico, que sempre corresponde apenas ao desafio da armação, mas nunca perfaz esta ou mesmo a efetua (HEIDEGGER, 2007, p. 385).

---

<sup>16</sup> *Ge-stell* vem comumente traduzido para o português por armação ou dispositivo. Contudo, alguns (cf Casanova, 2012) preferem o termo composição. Ernildo Stein (1979, p. 184) adota arazoamento. Do mesmo modo Benedito Nunes (2001, p. 53), mas afirma que com tal tradução “ter-se-ia a provocação interpeladora, mas perderíamos o acometer e o cometimento, que desencobre o ser como o que se instala produzindo ou como instalação produtiva”. Duarte (1993, p. 131-149) oferece uma minuciosa análise sobre o termo e qual a melhor tradução, defendendo para o espanhol também o termo com-posición. Cf Inwood (1999, p. 210). Neste trabalho, não obstante, manteremos o termo armação para *Ge-stell*.

A armação é aquilo que com-põe, torna os entes disponíveis em sua ‘representabilidade’ ao ser humano<sup>17</sup>. Essa disponibilidade, e o desvelamento indica o modo pelo qual o homem se relaciona com a técnica (SILVA, 2007, p. 372). Contudo se todos os entes estão disponíveis como fundo de reserva, neste destino desafiante do *Ge-Stell*, o homem não pode também se tornar simplesmente um fundo de reserva?

E se o destino impera no modo da armação, então ele é o maior perigo. O perigo se anuncia a partir de duas direções. Tão logo o que estiver descoberto não mais interessar ao homem como objeto, mas exclusivamente como subsistência [fundo de reserva], e o homem no seio da falta de objeto apenas for aquele que requer a subsistência [fundo de reserva], – o homem caminhará na margem mais externa do precipício, a saber, caminhará para o lugar onde ele mesmo deverá apenas ser mais tomado como subsistência [fundo de reserva] (HEIDEGGER, 2007, p. 389).

Sim, o homem está tão preso ao mundo técnico que ele próprio pode se tornar um mero fundo de reserva. Por isso o destino do desocultamento ao mesmo tempo que se mostra como um destino é também um perigo. O homem está tão próximo e tão distante, ao mesmo tempo, da essência da técnica que somente a correta meditação e relação sobre ela pode trazer o verdadeiro significado da relação do homem com o ser. Mas é justamente desse destino da armação enquanto desocultar que pode também nascer aquilo que abre uma nova relação do homem com a técnica, não obstante, para isso ocorrer, o homem deve estar aberto ao apelo do ser. Agora pode-se compreender o motivo pelo qual, afirmava-se antes, que Heidegger se afastava de uma concepção puramente humanista da técnica, já que tal concepção interpreta-a somente como instrumental ou antropológica (GIACOIA JUNIOR, 2013, p. 100). Se todos os entes são tornados fundos de reserva disponíveis ao homem, o homem tem a impressão de que tudo encontra-se sobre seu domínio, se ele visse a técnica como algo próprio do homem, este não conseguiria se afastar da técnica, nem vê-la como uma constituição histórica, que afastada as concepções correntes pode trazer o homem a verdade do ser.

*Gestell* é o sentido ontológico-histórico da técnica, o que significa que o homem, precisamente, encontra-se lançado nesse destino, compreende-se e ordena-se como técnico no sentido mais largo, desdobrando assim a potência técnica ao dispor por toda parte o ente à disponibilidade (DUBOIS, 2004, p. 139).

Tem-se a impressão que o homem é o senhor da técnica. Contudo, para o homem não se tornar um fundo de reserva, e estar aberto a esse apelo do ser, ele deve conservar alguma

---

<sup>17</sup> No texto *O princípio da identidade* Heidegger (1979, p. 184) afirma: “o nome para todo o processo de provocação que leva o homem e o ser a um confronto de natureza tal que se chamam mutuamente à razão se denomina: arrazoamento [*Ge-Stell*]”.

autonomia frente a técnica (SILVA, 2007, p. 373). Só assim pode-se entender que a técnica pode representar “a salvação” do homem: um acontecimento da verdade que o homem pode participar (HEIDEGGER, 2007, p. 393). É neste sentido, que a essência da técnica residindo na armação, deve ser vista “[...] como um destino do desvelamento, vista como uma época do ser” (DUBOIS, 2004, p. 139). É justamente nessa época de desvelamento do ser, que brota a possibilidade de uma autêntica relação com a verdade do ser. Na já citada passagem de *Sobre o Humanismo* Heidegger afirmava que pensar a essência da técnica significa pensar no destino ontológico-historial da verdade do ser. A técnica, mesmo sendo um perigo, pensada em sua essência, assegura Heidegger, abre um caminho para a verdade do ser.

É deste modo que Heidegger através da análise da técnica, sempre de certa forma tentando resgatar o sentido primordial, através de uma análise violentadora e destruidora com a tradição<sup>18</sup>, encontra uma possibilidade de poder afirmar que é justamente na época técnica que o ser pode se manifestar mais plenamente. Salanskis (2011, p. 107) observa que a relação do ente definida como armação

[...] é exatamente a que dá as costas ao desvelamento, que tem como fonte e impulso o Ser. De certa maneira, a relação técnica com o ente é obtida por simples inversão, a partir da relação fiel à abertura: a inversão simétrica sendo, no caso, a que transforma a passividade em atividade, em provocação. Por esse motivo, talvez o modo técnico se refira, mais do que qualquer outro que prevaleceu ao longo das épocas anteriores da história humana, ao modo pensante e fiel que Heidegger espera.

Heidegger não tem uma visão negativa ou depreciadora da técnica. Já que está mostra-se como um perigo por às vezes também tomar o homem como simples fundo de reserva, é nesta época que o correto relacionar-se com a técnica revelaria, mais do que qualquer outra época, a correta relação com a verdade do ser. É desta forma que o *Ge-Stell*, sendo um desocultar da verdade do ser, guarda uma relação com o pensamento de Heidegger a partir da noção de *Ereignis*: “o que no arrojamento [*Ge-Stell*], como constelação de ser e homem, experimentamos através do moderno universo da técnica, é um *prelúdio* daquilo que se chama acontecimento-apropriação [*Ereignis*]” (HEIDEGGER, 1979, p. 185).

---

<sup>18</sup> Não estou de pleno acordo com a afirmação de Aubenque (2012, p. 50) de que “a filosofia de Heidegger é uma metafilosofia, porque constitui uma hermenêutica não imediatamente do ser, mas dos textos sobre o ser. Hermenêutica que não pode ter fim, que jamais desemboca em determinada intuição, apta a encerrar o embate das interpretações a favor deste ou daquele pensamento”. Certo é que o pensamento de Heidegger em alguns momentos pode se mostrar controverso e até mesmo pode-se duvidar das suas interpretações dos textos da tradição, mas não pode-se negar a sua autenticidade de interpretação e de construção de pensamento a partir destes textos. Considerar a filosofia de Heidegger uma metafilosofia, apenas a partir da relação com os textos sobre o ser, é fechar os olhos para as influências que todos os filósofos, recebem da tradição.

A técnica enquanto um modo de produzir, trazer a luz, desocultar, permite que os entes sejam, existam enquanto “[...] modo de envios do Ser, sempre no horizonte temporal de um acontecimento apropriador, como a essência metafísica da técnica moderna [...]” (GIACCOIA JUNIOR, 2013, p. 94-95). A *Ereignis* enquanto um desabrigar, um trazer a luz também guarda relação com a *alétheia*, já que ambas entendidas no sentido que Heidegger as quer dar, são um modo de desocultar. Ainda:

o comum-*pertencer* de homem e ser ao modo da recíproca provocação nos faz ver, de uma proximidade desconcertante, o fato e a maneira como o homem está entregue como propriedade ao ser e como o ser é apropriado ao homem. Trata-se de simplesmente experimentar este ser próprio de, no qual homem e ser estão reciprocamente a-propriadados, experimentar que quer dizer penetrar naquilo que designamos *acontecimento-apropriação* (HEIDEGGER, 1979, p. 184-185).

Tem-se, então, os motivos pelos quais Heidegger indica na noção de técnica a época para se pensar a verdade do ser, a relação do ser e do homem, porque “o acontecimento-apropriação é o âmbito dinâmico em que o homem e ser atingem unidos sua essência, conquistam seu caráter historial, enquanto perdem aquelas determinações que lhes emprestou a metafísica” (HEIDEGGER, 1979, p. 185). É no *Ereignis* que o homem e o ser atingem sua essência, seu caráter historial. Entende-se assim a maneira pela qual a noção de *Gechchiste* encontra-se ligada a *Ereignis*, dando sentido a estruturação de acontecimentos. E mais, isto só é possível porque com tais determinações o ser e o homem perdem as determinações metafísicas, ou seja, é necessário uma destruição, para “limpar o terreno” daquilo que a tradição oculta, para que possa se manifestar o verdadeiro sentido da verdade do ser.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Heidegger não é contrário a técnica, como em uma primeira análise pode parecer. Ele alerta para seu perigo, mas acrescenta que é justamente nesta época técnica que a verdade do ser pode aparecer mais nitidamente. Por isso, ao indicar onde propriamente reside o perigo da técnica, o filósofo indica que ali também pode nascer a salvação. Heidegger acrescenta a essa relação do homem com a técnica um pedido de “serenidade para com as coisas” (HEIDEGGER, 1994, p. 8). É essa relação do homem com a verdade do ser via noção de técnica que o artigo procurou analisar.

Para tanto na primeira seção deste ensaio procurou-se, a partir do parágrafo seis de *Ser e Tempo*, mostrar o que o filósofo alemão entende por destruição. Chegou-se ao apontamento

de que esse conceito não tem um sentido puramente negativo, já que a destruição empreendida por Heidegger não desconsidera os estágios fundamentais da história da metafísica. A destruição é necessária para revelar a clareira da ser, daquilo que está oculto pela tradição. Já o segundo momento procurou fazer breves apontamentos para a noção de técnica e a maneira pela qual o correto entendimento da essência técnica revela uma possibilidade para que a verdade do ser se manifeste mais plenamente. Viu-se ainda como a noção de *Geschichte* remete à *Ereignis* e a relação destes conceitos com o de *Ge-Stell* e o modo pelo qual eles remetem à verdade do ser na era técnica.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Física I-II*. Prefácio, tradução, introdução e comentários: Lucas Angioni. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução: Giovanni Reale. Marcelo Perini. 2 ed, São Paulo: Loyola, 2005.

AUBENQUE, P. Heidegger e a superação da metafísica. In: *Desconstruir a metafísica?*. Tradução: Aldo Vannuchi. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 49-59. (Coleção Leituras Filosóficas).

BRAGUE, R. *Âncoras no céu: a infraestrutura da metafísica*. Tradução: Nicolás Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2013. (Coleção Leituras Filosóficas).

BRÜSEKE, F. J. Heidegger como Crítico da Técnica Moderna. *Paper do NAEA*, n. 71, 1997, p. 1-39.

CASANOVA, M. A. dos S. O homem entediado: niilismo e técnica no pensamento de Martin Heidegger. *Ekstasis*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2012, p. 184-222. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/3824/2653>>. Acesso em: 15 out. 2014.

COSTA, J.B. *Análise da linguagem: a condição de possibilidade dos enunciados filosóficos*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

DUARTE, I. B. La tesis heideggeriana acerca de la técnica. *Anales del Seminario de Historia de la Filosofía*. Madrid, n. 10, 1993, p. 121-156. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=72535>>. Acesso em: 20 out 2014.

DUBOIS, C. *Heidegger: introdução a uma leitura*. Tradução: Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2004.

FERREIRA JÚNIOR, W. J. *Heidegger: a questão da técnica e a superação da metafísica*. 2000. 139 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000220587>>. Acesso em: 13 out 2014.

FERREIRA, A. de O. *Ontologia fundamental e técnica: uma contribuição ao estudo da “Kehre” no pensamento de Heidegger*. 2007. 153 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000418827>>. Acesso em: 12 out 2014.

GADAMER, H-G. A viragem do caminho. In: *Hermenêutica em retrospectiva*. vol. 1. 2.ed. Tradução: Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 109-116.

GIACOIA JUNIOR, O. *Heidegger urgente: introdução a um novo pensar*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

HAAR, M. *Heidegger e a essência do homem*. Tradução: Ana Cristina Alves. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

HEIDEGGER, M. A época da imagem do mundo. In: SCHNEIDER, P. R. *O outro pensar: sobre que significa pensar? e a época da imagem do mundo*, de Heidegger. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. *Scientia Studia*. Tradução: Marco Aurélio Werle. São Paulo, v. 5, n. 3, 2007, p. 375-398. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ss/v5n3/a05v5n3.pdf>>. Acesso em: 31 set 2014.

HEIDEGGER, M. Identidade e Diferença. In: HEIDEGGER, M. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução: Ernildo Stein, São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 179-202. (Os Pensadores).

HEIDEGGER, M. O eterno retorno do mesmo e a vontade de poder. In: HEIDEGGER, M. *Nietzsche*. vol. 2. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.

HEIDEGGER, M. O fim da filosofia e a tarefa do pensamento. In: HEIDEGGER, M. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução: Ernildo Stein, São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 67-81. (Os Pensadores).

HEIDEGGER, M. Que é isto – a Filosofia?. In: HEIDEGGER, M. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução: Ernildo Stein, São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 11-24. (Os Pensadores).

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas: Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2012.

HEIDEGGER, M. *Serenidad*. Tradução: Yves Zimmermann. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1994. Disponível em: <<http://www.heideggeriana.com.ar/textos/serenidad.htm>>. Acesso em: 20 out 2014.

HEIDEGGER, M. Sobre a essência da verdade. In: HEIDEGGER, M. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução: Ernildo Stein, São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 131-145. (Os Pensadores).

HEIDEGGER, M. Sobre o “Humanismo”. In: HEIDEGGER, M. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução: Ernildo Stein, São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 149-175. (Os Pensadores).

INWOOD, M. J. *A Heidegger dictionary*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 1999.

LOPARIC, Z. Breve nota sobre Heidegger como leitor de Jünger. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 217-220, jun. 2002. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302002000100007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302002000100007)>. Acesso: 10 out 2014.

LOPARIC, Z. Heidegger e a pergunta pela técnica. *Cad de História e Filosofia da Ciência*, Campinas, Série 3, v. 6, n. 2, p. 107-138, jul-dez, 1996. Disponível em: <<http://www.interleft.com.br/loparic/zeljko/pdfs/PerguntaTecnica.pdf>>. Acesso em: 15 out 2014.

MAC DOWELL, J. A. A. *A gênese da ontologia fundamental de Martin Heidegger: ensaio de caracterização do modo de pensar em Sein und Zeit*. São Paulo: Loyola, 1993.

NUNES, B. História e ontologia (da Essência da técnica). *Humanitas*, Belém, v. 17, n. 1/2, p. 45-55, jan-dez, 2001.

SALANSKIS, J.-M. *Heidegger*. Tradução: Evando Nascimento. São Paulo: Estação liberdade, 2011. (Figuras do Saber, n. 26).

SHEEHAN, T. On movement and the destruction of ontology. *International Journal of General Philosophical inquiry*. v. 64, n. 4, p. 534-542, out, 1981. Disponível em: <<http://religiousstudies.stanford.edu/wp-content/uploads/47-A-1981-MOVEMENT-AND-THE-DESTRUCTION-OF-ONTOLOGY.pdf>>. Acesso em: 10 out 2014.

SILVA, F. L. e. Martin Heidegger e a técnica. *Scientia Studia*. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 369-374, jul-dez, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167831662007000300005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167831662007000300005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 16 out 2014.

STEIN, E. *Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

STEIN, E. Desconstrução e hermenêutica. In: FELTES, H. P de M., ZILLES, U. *Filosofia: diálogo de horizontes*. Caxias do Sul: EDUCS, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 103-115.

STEIN, E. *Diferença e metafísica: ensaios sobre a desconstrução*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

STEIN, E. *Sobre a verdade: Lições preliminares ao § 44 de Ser e Tempo*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

STEIN, E. *Uma breve introdução à filosofia*. 2.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

ZIMMERMAN, M., *Confronto de Heidegger com a modernidade*. Tradução: João Sousa Ramos. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.